

O nominalismo psicológico acerca dos universais em João Buridano¹

The psychological nominalism about universals in John Buridano

Prof. Dr. Pedro Leite Junior²

Resumo

Sob muitos aspectos algumas das posições de João Buridano podem ser encaixadas dentro de uma tradição nominalista. Esse é o caso, por exemplo, de sua posição quanto ao problema dos universais. Como em geral fazem os nominalistas, Buridano nega qualquer estatuto ontológico a entidades universais extramentais, ou seja, não há qualquer correspondência entre as generalizações ou nominalizações abstratas que fazemos e entidades universais extramentais. Para ele, universais são conceitos cuja existência restringe-se a mente. Nesse sentido, conforme Peter King, a resposta de Buridano ao problema dos universais assume uma perspectiva psicológica tendo como base três teses, a saber:

(1) A cognição intelectual depende da cognição sensitiva; (2) A cognição sensitiva é sempre singular; (3) A cognição intelectual pode ser singular e pode ser universal.

Meu objetivo neste texto é apresentar brevemente às duas primeiras e examinar mais particularmente a terceira na medida em que, segundo King, é a mais problemática. Pois, se cognição intelectual depende da cognição sensitiva e, esta última é sempre singular, como a cognição intelectual pode ser tanto singular quanto universal?

Palavras-chave: Buridano, nominalismo, universais, cognição, semelhança

¹ O presente é uma segunda versão da comunicação apresentada oralmente no *XIII Congresso Internacional de Filosofia Medieval* realizado em Vitória, na Universidade Federal do Espírito Santo entre os dias 01 a 04 de agosto de 2011. Sublinho que é o resultado inicial de um estudo mais amplo acerca do pensamento de Buridano e de outros autores nominalistas do século XIV.

² Professor Adjunto da Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
E-mail: pedroleite.pro@ig.com.br

Abstract

In many ways some of the views of John Buridan can be embedded within a nominalist tradition. This is the case, for example, its position on the problem of universals. How often do the nominalist Buridan denies any ontological status of the universals extra-mental entities, ie, there is no correspondence between the abstract generalizations or nominalizations do and universals extra-mental entities. For him, universals are concepts whose existence is restricted to mind. Therefore, as Peter King, Buridan's answer to the problem of universals takes a psychological perspective based on three strategies, namely:

(1) The intellectual cognition depends on the sensitive cognition; (2) The sensitive cognition is always singular; (3) The intellectual cognition may be both singular and universal.

My goal in this paper is to briefly examine the first two and the third most particularly to the extent that, according to King, is the most problematic. For if the intellectual cognition depends on the sensitive cognition, the latter is always singular, as intellectual cognition can be both singular and universal?

Keywords: Buridan, nominalism, universals. Cognition, resemblance

I

Abordar o problema acerca dos universais é tratar de um tema que percorre a história da filosofia e que remonta a Platão e Aristóteles e estende-se até os dias atuais³. A formulação clássica do problema (que tomou corpo e motivou disputas durante grande parte da Idade Média⁴) deve-se ao fenício Porfírio (232/3 – 305)⁵. Do ponto de vista historiográfico duas posições (em suas diversas versões) dominaram (e dominam) os debates acerca do estatuto ontológico dos universais, a saber: realistas e nominalistas. É importante destacar que a concepção nominalista é uma “invenção” tipicamente medieval, isto é, a alternativa nominalista surge ge-

³ Para uma discussão atual acerca dos universais, ver, por exemplo, LOUX, Michael J. **Metaphysics**: an contemporary introduction. London – New York: Routledge, 2002.

⁴ Para um panorama da discussão do problema dos universais no período medieval, ver, por exemplo, Pedro Leite Junior. **O problema dos universais**: a perspectiva de Boécio, Abelardo e Ockham. Porto Alegre: EDIPU-CRS, 2001.

⁵ PORFÍRIO, **Isagoge**: introdução às Categorias de Aristóteles. Trad., pref. e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães, 1994, p. 0 – 51.

nuinamente no medievo. Em suas diferentes nuances tal posição compartilha a ideia comum de rejeição completa da existência extramental de entidades universais e desde suas origens se constituiu como uma forte resistência às posições tradicionalmente realistas. No período medieval é possível indicar alguns de seus representantes proeminentes, tais como, Roscelino de Compiègne, Pedro Abelardo e Guilherme de Ockham. No que diz respeito ao problema dos universais, João Buridano pode ser inserido nessa tradição nominalista.

João Buridano aborda o problema dos universais, particularmente, em seu comentário a metafísica de Aristóteles⁶, ainda que tópicos relacionados à questão sejam abordados em outras obras. Do ponto de vista estrutural ele segue o padrão similar ao utilizado por Ockham, ou seja, criticando as diferentes posições realistas avançando das mais extremas para as mais moderadas⁷. E, como o *Venerabilis Inceptor*, ele concluiu: o realismo dos universais, em qualquer das suas versões, fracassa⁸. Assim, como em geral fazem os nominalistas, Buridano nega qualquer estatuto ontológico a entidades universais extramentais, ou seja, não há qualquer correspondência entre as generalizações ou nominalizações abstratas que fazemos e entidades universais extramentais.

Para Buridano, a individualidade é um traço básico do mundo, ou, mais precisamente, não há entidades não-individuais no mundo, quer existam independentemente ou como constituin-

⁶ BURIDANI, Iohannis. **In Metaphysicen Aristotelis Quaestiones argutissimae Magistri Iohannis Buridani in ultima praelectione ab ipso recognitae et emissae**. Paris: Accuratioe Iodici Badii, 1518. (Doravante *In Metaph*).

⁷ A discussão mais exaustiva de Ockham a cerca dos universais encontra-se em sua obra *Scriptum in librum primum Sententiarum: Ordinatio, d. 2, qq. 4-8*. In: **Opera Theologica, II**. Ed. S. Brown e G. Gál. Cura Instituti Franciscani, Universitatis S. Bonaventure, St. Bonaventure: New York, 1970.

⁸ “*Et ideo frustra ponentur talia uniuersalia distincta a singularibus si omnia sine illis possint saluari; et tamen possunt (. . .)*”. (In *Metaph.*, 7.16)

te metafísico das coisa ou nas coisas⁹. Segundo ele, universais são conceitos cuja existência restringe-se a mente. Mas, se não há universais fora da mente distintos dos singulares e, inclusive, toda a coisa existe singularmente, como se explica que as coisas sejam, algumas vezes, entendidas universalmente? Sua resposta é de que a universalidade decorre do fato de que a mente é fundamentalmente representacional:

Assim, se queremos dar uma única razão (embora não suficiente) de por que o intelecto pode compreender universalmente, embora as coisas compreendidas não existam universalmente nem sejam universais, declaro que é esta a razão: As coisas são [asim] compreendidas não porque estão no intelecto, mas porque a semelhança que as representam está no intelecto.¹⁰

Para Buridano universais não são nada mais do que conceitos na mente. Dessa perspectiva ele opera com conceitos em dois âmbitos: semântico e psicológico. No âmbito semântico,

⁹ “*Ad cuius euidetiam sciendum est primo quod, ut satis potest ex dictis apparere, quicquid praeter animam existit in re ipsum existit indiuidualiter, scilicet distinctum ab omnibus aliis tam suae speciei quam aliarum, ita quod ibi nihil est omnino praeter res quae indiuidualiter existunt nec est distinctum ab eis*”. (BURIDANI, Iohannis. **Tractatus de differentia universalis ad indiuiduum**. Slawomir Szyller (Ed), In: *Przegląd Tomistyczny* III, 1987, 137-178). (Doravante *Tract. Diff.*)

¹⁰ “*Si ergo uolumus assignare unam causam, licet non sufficientem, quare intellectus potest intelligere uniuersaliter, quamuis res intellectae nec uniuersaliter existant nec uniuersales sint, ego dico quod haec est causa: quia res intelliguntur non propter hoc quod ipsae sint in intellectu, sed quia species earum, quae sunt similitudines repraesentiuae earum, sunt in intellectu*” (*Quaest. De Anim.*, 3.08). Iohannis Buridani. *Quaestiones in Aristotelis De anima secundum tertiam lecturam*. Jack A. Zupko (Ed.). IN: *John Buridan's Philosophy of Mind: An Edition and Translation of Book III of his 'Questions on Aristotle's De anima' (Third Redaction), with Commentary and Critical and Interpretative Essays*. Ph.D. Dissertation, Cornell University 1989 (2 vol.). University Microfilms: Ann Arbor, 1990. (Doravante *Quaest. De Anim.*)

considera que universais são conceitos representativos no intelecto que funcionam como nomes comuns (termos mentais) na Linguagem Mental. Conceitos são representativos de muitas funções e, portanto, ‘predicável de muitos’, ou seja, os muitos sujeitos que ele representa como conceito. Por isso conceitos universais podem aparecer em sentenças mentais verdadeiras como termos predicados unidos a diferentes conceitos individuais que agem como termo singular sujeito; eles podem ser utilizados em tais sentenças para referir a (supor por – *supponere pro*) itens extramentais bem como significá-los por meio da semelhança natural.¹¹ No âmbito psicológico, considera que conceitos (universais) são entidades psicológicas. São elementos componentes do pensamento, ou seja, as pedras de construção primárias do intelecto, adquiridos por meio de nossa interação com o mundo.¹²

No presente texto exploro alguns aspectos não exaustivos relacionados ao âmbito psicológico da questão dos universais para Buridano¹³, tendo como fio condutor a seguinte questão: Como e a partir do que ocorre o processo de formação de conceitos universais na medida em que não há no mundo entidades universais correspondentes a esses conceitos? De imediato, indico que tomo como base e sigo de perto o ponto de vista desenvolvido por Peter King¹⁴, segundo o qual a resposta de Buridano ao problema dos universais assume uma perspectiva psicológica. Para

¹¹ Para uma visão da semântica de Buridano, ver, por exemplo, o artigo de Ria Van Der Lecq, *Mental Language: a Key to the Understanding of Buridan's Semantics*. Disponível no site: <http://www.phil.uu.nl/~lecq/mental%20language.pdf> Ou ainda, o artigo de Gyula Klima, *The Nominalist Semantics of Ockham and Buridan: A "rational reconstruction"*. Disponível no site: <http://www.fordham.edu/gsas/phil/klima/FILES/The-Nominalist-Semantics-of-Ockham-and-Buridan.pdf>

¹² *In Metaph.*, 6.12.

¹³ Nesse sentido, não tratarei aqui do âmbito semântico do problema em Buridano.

¹⁴ KING, Peter. "Buridan's solution to the problem of universals". In: **The Metaphysics and Natural Philosophy of Buridan**. Jack Zupko and J.M.M.H. Thijssen (Eds). Brill: Leiden-Boston-Köln, 2001, 1-27.

este autor, Buridano desenvolve uma teoria psicológica sobre o processo de aquisição de conceitos. Conforme King¹⁵, a base psicológica de Buridano pode ser expressa através de três teses, a saber:

- (1) A cognição intelectual depende da cognição sensitiva;
- (2) A cognição sensitiva é sempre singular;
- (3) A cognição intelectual pode ser singular e pode ser universal.

Meu objetivo é apresentar brevemente às duas primeiras teses e examinar mais particularmente a terceira na medida em que, segundo King, é a mais problemática. Pois, se cognição intelectual depende da cognição sensitiva e, esta última é sempre singular, como a cognição intelectual pode ser tanto singular quanto universal?

II

A primeira tese (*a cognição intelectual depende da cognição sensitiva*) não é problemática, pois é apoiada por uma longa tradição consensual. Trata-se de uma dependência causal do intelecto para com os sentidos cuja sustentação está vinculada a máxima aristotélica segundo a qual não há nada no intelecto que não tenha anteriormente estado nos sentidos (*Nihil in intellectu quod non prius fuerit in sensu*).¹⁶

A segunda tese (*a cognição sensitiva é sempre singular*), por sua vez, não tem a mesma base consensual. Para Buridano temos acesso direto e efetivo ao singular, ou seja, percebemos as coisas sempre como singulares e nunca como universais. Os

¹⁵ KING, 2001, p. 6.

¹⁶ “*Cum ergo dictum sit quod cognitio intellectiua dependet ex sensitiva*” (*Quaest. Phys.1.07*). *Iohannis Buridani: Quaestiones super octo Physicorum libros, secundum ultimam lecturam*. Paris, 1509. (Doravante *Quaest. Phys.*).

materiais cedidos dos sentidos para o intelecto devem ser singulares já que este é o único tipo de informação que a cognição sensível pode fornecer. Mas, O que significa perceber alguma coisa como singular? Quais são esses materiais? De que modo são percebidos?

Buridano afirma que algo é percebido singularmente em virtude do fato de que é percebido como existindo dentro da perspectiva da pessoa que o conhece.¹⁷ Assim, a singularidade da percepção é uma decorrência da presença do objeto no âmbito sensorial do conhecedor e a singularidade da cognição sensível não resulta da própria natureza do objeto ou de algum traço característico dele, mas da circunstância na qual ocorre. De modo geral, podemos dizer que a singularidade da cognição sensitiva é devido a união aqui-e-agora dos traços gerais perceptíveis que compõem um objeto singular.

A cognição sensitiva é acima de tudo a representação de uma multiplicidade, ou seja, os sentidos captam um emaranhado de traços constituintes do objeto singular que estão unidos confusamente, tais como, tamanho, forma, cor, etc. É característica marcante dos sentidos nos apresentarem um amontoado de impressões unidas aqui-e-agora, constituindo assim a cognição sensitiva singular. Diz Buridano:

Assim, dado que o sentido externo conhece o que é sensível (do modo como uma coisa existe), dentro de sua perspectiva em uma localização definida (ainda que algumas vezes torne falso um julgamento sobre sua localização devido ao reflexo das aparências); o sentido externo conhece singular e distintamente [a coisa] como esta ou como aquela. Embora o sentido externo conheça Sócrates ou a brancura ou um item branco, isso ocorre somente em uma aparente representação [do objeto] como unidos conjuntamente com a substância, a brancura, o tamanho

¹⁷ “Dicam ergo, sicut magis uideri debet septimo *Metaphysicae*, quod ex eo aliud percipitur singulariter quod percipitur per modum existentis in prospectu cognoscentis”. (*Quaest. Phys.*, 1.07)

e a localização de acordo com o qual aparecem dentro da perspectiva do conhecedor. Agora, o sentido por si mesmo não pode desembaraçar este tipo de união, isto é, ele não pode abstrair a aparência da substância e da brancura e do tamanho e da localização um do outro; assim ele pode somente perceber a brancura ou a substância ou o item branco do modo como uma coisa que existe dentro de sua perspectiva e, assim pode somente conhecer o supracitado [objeto] singularmente. Novamente, embora o sentido [interno] comum receba as aparências do sentido externo com esse tipo de união e não possa desembaraçar essa união, é necessário que as apreenda de maneira singular.¹⁸

Em suma, para Buridano, perceber alguma coisa como singular é percebê-la presencialmente e no escopo sensorial do conhecedor. É uma característica dos sentidos apreender as coisas singulares na sua totalidade como um feixe, isto é, com todos os seus aspectos (traços) constituintes unidos confusamente. Assim, por exemplo, diante de estátua os sentidos captam todos os traços que a compõem (tamanho, cor, localização, etc) sem distinguir ou desembaraçar algum deles especificamente.

III

¹⁸ “*Sensus ergo exterior quia cognoscit sensibile per modum existentes in prospectu suo secundum certum situm, licet aliquando false iudicat de situ propter reflexiones speciorum, ideo cognoscit ipsum singulariter uel consignate, scilicet quod hoc uel illud. Quamuis ergo sensus exterior cognoscat Socratem uel albedinem uel album, tamen hoc non est nisi secundum speciem confuse repraesentatem cum substantia et albedine et magnitudine et situ secundum quem apparet in prospectu cognoscentis. Et ille sensus non potest distinguere illam confusionem: scilicet non potest abstrahere species substantiae et albedinis et magnitudinis et situs ab inuicem, ideo non potest percipere albedinem uel substantiam uel album nisi per modum existentes in prospectu eius. Ideo non potest cognoscere praedicta nisi singulariter. Item etsi sensus communis a sensu exteriori recipiet species cum tali confusione, et non potest distinguere confusionem, ipse de necessitate apprehendit modo singular*”. (*Quaest. De Anim.*, 3.08)

A terceira tese afirma que: *a cognição intelectual pode ser singular e pode ser universal*. Ela expressa uma dupla afirmação:

- (a) *a cognição intelectual pode ser singular;*
- (b) *a cognição intelectual pode ser universal.*

O problema fundamental é: como é possível haver uma cognição intelectual universal, dado que a toda a cognição intelectual depende da cognição sensitiva e esta é sempre singular? Enfim, como é possível formar conceitos universais sem comprometer-se com entidades extramentais não-individuais?

No que diz respeito ao fato de que a cognição intelectual pode ser singular, escreve Buridano:

A principal questão pode ser estabelecida ao dizer que o intelecto conhece as coisas como singulares antes que as faça universais, porque os sentidos, externo ou interno, somente as conhecem como singulares, a saber, como unidas a localização e como existindo dentro da perspectiva do conhecedor; portanto, etc. O sentido, então, representa um objeto sensível para o intelecto com esse tipo de união. E, assim como o sentido representa primariamente o objeto para o intelecto, desse mesmo modo o intelecto primariamente entende a coisa. Portanto, o intelecto é capaz de conhecer a coisa com esse tipo de união e, assim, como singular (Isso é também parecido com o que tem sido dito, a saber, que pela abstração o intelecto compreende-o como universal). Além disso, visto que a representação por parte do sentido é de uma maneira singular, se o intelecto não o compreender como singular, com base em uma representação desse tipo, então, não se pode explicar como ele pode compreender depois como singular¹⁹

¹⁹ “*Et ex his apparet mihi quod determinari potest quaestio principis dicendo quod prius intellectus cognoscit res singulariter quam uniuersaliter propter hoc quod sensus non cognoscit eas nisi singulariter, siue sit sensus exterior uel interior, scilicet cum illa confusione situs et per modum existentis in prospectu cognoscentis; ideo etc. Sic sensus cum huiusmodi confusione repraesentat intellectui obiectum sensibile. Et sicut obiectum*

O intelecto inicia com a cognição singular, dada à natureza da matéria recebida da cognição sensitiva. Assim, compreendemos as coisas singularmente antes de fazê-lo universalmente, uma vez que na representação vinda dos sentidos os traços constituintes do objeto estão unidos (um amontoado de impressões) e é desse modo que o intelecto primeiramente os recebe. Isso significa, então, que a cognição intelectual singular é anterior a todas as outras formas de cognição intelectual.²⁰

Podemos descrever o mecanismo da seguinte maneira: os sentidos captam o objeto com seus traços constituintes unidos confusamente (um feixe de impressões) gerando a singularidade da cognição sensitiva; a seguir o intelecto apreende do mesmo modo o objeto gerando a cognição intelectual singular. Assim, temos a descrição da primeira: *a cognição intelectual pode ser singular*.

Com efeito, resta ainda a segunda afirmação: *a cognição intelectual pode ser universal*, isto é, é preciso indicar como ocorre a transformação da cognição intelectual singular em cognição intelectual universal? Segundo Buridano é por meio da “abstração”. Ele descreve esse processo do seguinte modo:

Declaro que quando o intelecto recebe do fantasma a aparência ou a compreensão de Sócrates enquanto unida ao tamanho e a localização, fazendo a coisa aparecer do modo como ela existe na perspectiva do conhecedor, o intelecto a entende de uma maneira singular. Se o intelecto pode desembaraçar essa união e abstrair o conceito de substância ou de brancura do conceito de localização,

primo repraesentat intellectui, sic intellectus primo intelligit rem. Ergo cum huiusmodi confusione intellectus potest cognoscere rem, et sic singulariter. Et hoc etiam apparet ex dictis, scilicet quod abstrahendo etc., intellectus intelligit uniuersaliter. Et iterum, cum repraesentatio ex parte sensus sit modo singulari, si intellectus ex huiusmodi repraesentatione non intelligat singulariter, non poterit postea dici quomodo possit intelligere singulariter.” (Quaest. Phys., 1.07)

²⁰ *Quaest. De Anim., 3.08.*

de modo que a coisa não é mais percebida do modo com ela existe na perspectiva do conhecedor, então, será um conceito comum. Assim, uma vez que o conceito de Sócrates tem sido retirado abstrativamente do conceito de brancura e de localização e de outros acidentes ou aspectos alheios, então não representará mais Sócrates do que Platão e será um conceito comum, um do qual o nome 'homem' é derivado.²¹

Para Buridano, abstração é o processo psicológico de isolar um determinado aspecto de outros aspectos com os quais está unido²². O aspecto que é isolado dos outros e liberado de suas condições individualizantes será, portanto, geral. O intelecto aprende como desembaraçar os vários traços que estão presentes na cognição intelectual singular até que finalmente seja capaz de prescindir desses traços acidentais, produzindo assim uma cognição intelectual universal, ou seja, um conceito comum. A abstração, então, constitui-se no processo psicológico através do qual se pode explicar como ocorre a cognição intelectual universal. Isso sustenta a terceira tese na medida em que mostra como um conceito universal é gerado na mente. Assim, da cognição intelectual singular um traço simples é isolado, isto é, desembaraçado de sua combinação e união com outros traços.

²¹ *“Dico quod cum intellectus a phantasmate recipit speciem uel intellectiōnem Socratis cum tali confusione magnitudinis et situs, facientem apparere rem per modum existentis in prospectu cognoscentis, intellectus intelligit illum modo singulari. Si intellectus potest illam confusionem distinguere et abstrahere conceptum substantiae uel albedinis a conceptu situs, ut non amplius res percipiatur per modum existentis in prospectu cognoscentis, tunc erit conceptus communis. Unde cum elicitus fuerit conceptus Socratis abstracte a conceptibus albedinis et situs et aliorum accidentium uel extraneorum, ille iam non magis repraesentabit Socratem quam Platonem, et erit conceptus communis a quo sumitur hoc nomen ‘homo’.”* (Quaest. De Anim., 3.08)

²² A noção de abstração de Buridano assemelha-se a de Pedro Abelardo. Para este último, abstrair é dirigir a atenção a um aspecto, ou seja, discernir um traço específico do todo. A esse respeito ver Leite Junior, 2001.

Segundo Buridano, os conceitos são gerais em virtude de serem representacionais. A cognição intelectual produzida pela abstração é então universal ao representar muitos itens, ou, mais precisamente, ao representar indiferentemente muitos indivíduos distintos que compartilham o mesmo traço. Afirma o autor:

Se uma representação de homem na imaginação é despi-da de todos os seus aspectos alheios, não será determinadamente representante de Sócrates ou Platão, mas representará indiferentemente qualquer um deles ou outros homens; e assim, o intelecto não entende este homem determinadamente pela representação, mas compreende este homem indiferentemente ou aquele outro: isso é entender homem por uma compreensão universal.²³

Depois de indicar como ocorre a formação do conceito universal na mente, através da cognição intelectual universal, Buridano precisa explicar como esse conceito pode ser representacional, quer dizer, qual é a base da representação, pois se não há entidades não-individuais no mundo, o conceito não seria uma ficção? A estratégia de Buridano, então, é considerar a representação como uma forma de semelhança, ou seja, conceitos representam coisas por sua semelhança com elas. Afirma o autor:

Daí decorre o fato de que a representação ocorre por meio da semelhança daquilo que é representativo de um item e será indiferentemente representativo de todos eles (a menos que alguma coisa ocorra paralelamente para impedir, como será discutido depois). Concluimos a partir disso que sempre que a aparência – a semelhança – de Sócrates

²³ “*Si species hominis fuerit in phantasia et denudetur seu praescindatur ab omnibus extraneis seu a specibus extraneorum, [quod] ipsa non repraesentabit determinate Socratem uel Platonem, sed indifferenter quemlibet ipsorum aut aliorum hominum; et ita intellectus non intelligeret per illam speciem hunc hominem determinate, sed indifferenter hunc uel illum uel alium. Et hoc est intelligere hominem uniuersali intellectione.*” (Trat. Diff., p.2, q 1)

estiver no intelecto e forem abstraídas as aparências dos traços alheios, não se trata mais da representação de Sócrates mais do que Platão ou qualquer outro homem; nem o intelecto entende Sócrates mais do que outro homem. Em vez disso, entende todos os homens indiferentemente por meio de um conceito único, a saber, aquele a partir do qual derivamos o nome 'homem'. E isso é compreender universalmente.²⁴

Um conceito produzido por abstração é igualmente uma semelhança de muitas coisas e, desse modo, representa indiferentemente todas elas. A noção de “semelhança” funciona para assegurar a universalidade representativa do conceito. A legitimidade de um conceito universal diz respeito as relações reais de concordância ou semelhança entre as coisas: ele assemelha-se a qualquer uma delas em virtude de assemelhar-se a uma delas. Explica Buridano:

Agora, se fosse o caso de haver muitos itens similares uns com os outros, então qualquer coisa similar a um deles, em relação ao traço no qual são similares, é similar a qualquer um deles. Assim, se todos os asnos têm na realidade uma concordância e similaridade uns com os outros, quando a aparência inteligível representa um asno no intelecto por meio de uma semelhança, ele pode simultaneamente representar qualquer asno indiferentemente (a menos que alguma coisa o impeça como será discutido depois). Uma intenção torna-se universal desse modo.²⁵

²⁴ *“Ideo consequitur ex quo repraesentatio fit per similitudinem quod illud quod erat repraesentatiuum unius erit indifferenter repraesentatiuum aliorum, nisi aliud concurrat quod obstet, sicut dicitur post. Ex hoc finaliter infertur quod cum species (et similitudo) Socratis fuerit apud intellectum et fuerit abstracta a speciebus extraneorum, illa non magis erit repraesentatio Socratis quam Platonis et aliorum hominum; nec intellectus per eam magis intelliget Socratem quam alios homines. Immo sic per eam omnes homines indifferenter intelliget uno conceptu, scilicet a quo sumitur hoc nomen ‘homo’. Et hoc est intelligere uniuersaliter.” (Quaest. De Anim., 3.08)*

²⁵ *“Modo si sit ita quod sint multa inuicem similia, omne illud quod est si-*
Ano 11 • n. 2 • jul./dez. 2011 - 237

É importante indicar que a semelhança tem um aspecto extramental do mundo, ou seja, as coisas concordam ou assemelham-se entre si pelo fato de serem o que são. Que as coisas concordem entre si por possuírem determinados traços (propriedades) é um fato bruto²⁶ e não analisável. Ora, ao compartilharem de propriedades comuns as coisas extramentais são classificadas em classes e nem todas possuem o mesmo grau de semelhança. Isso significa que há graus de semelhança. Por exemplo, Pedro e Manoel assemelham-se um com o outro mais do que Manoel se assemelha a um cavalo. Mas, ambos, Pedro e Manoel assemelham-se mais a um cavalo do que a um coqueiro. Complementa Buridano:

Mantemos que coisas da mesma espécie ou gênero existindo singularmente fora da alma têm em sua natureza uma grande semelhança essencial ou concordância mais do que aquelas das diversas espécies e gêneros. Pois Sócrates e Platão concordam na realidade mais do que Sócrates e Brunelo (mesmo com respeito a suas essências), e Sócrates e Brunelo também concordam mais do que Sócrates e essa pedra.²⁷

Com efeito, a terceira tese parece estar assegurada. Por um lado, a cognição intelectual é singular, garantindo que o in-

mile uni eorum, quantum ad hoc in quo sunt similia, est simile unicuique aliorum. Ideo si omnes asini ex natura rei habent adinuicem conuenientiam et similitudinem, oportet quod quando species intelligibilis in intellectu repraesentabit per modum similitudinis aliquem asinum, ipsa simul indifferenter repraesentabit quemlibet asinum, nisi aliud obstet, de quo postea dicitur. Ideo sic fit uniuersalis intentio.” (Quaest. Phys., 1.07)

²⁶ Abelardo denomina esse fato bruto de *status rei*.

²⁷ “*Tunc accipimus quod res extra animam singulariter existentes de eadem specie uel de eodem genere habent ex natura sui similitudinem seu conuenientiam essentialem maiorem quam illae quae sunt diuersarum specierum uel diuersorum generum. Plus enim conueniunt ex natura rei Socrates et Plato quam Socrates et Brunellus (etiam quantum ad suas essentias), et plus etiam conueniunt Socrates et Brunellus quam Socrates et ille lapis.” (Quaest. De Anim., 3.08)*

telecto conheça o objeto extramental tal como ele é (recebido da cognição sensitiva que é sempre singular). Por outro lado, a cognição intelectual também é universal, pois por meio da abstração o feixe de traços dados conjuntamente pelas impressões sensíveis é desembaraçado permitindo a formação de conceitos universais. Esses universais não encontram entidades extramentais correspondentes na realidade na medida em que indicam somente a semelhança (concordância) de traços comuns entres as coisas.

IV

Para finalizar realizo algumas considerações.

Buridano trata do problema dos universais em dois âmbitos. O primeiro, não explorado neste texto (e que mereceria um exame aprofundado), é o âmbito semântico: conceitos universais são termos mentais componentes da Linguagem Mental. O segundo, que explorei a partir do ponto de vista proposto por Peter King, é o âmbito psicológico. Neste, a afirmação mais problemática é aquela que sustenta que a cognição intelectual pode ser universal. De modo a dirimir a questão, Buridano descreve o processo psicológico da formação do conceito universal. Podemos descrever, de modo geral, o processo da seguinte maneira: (a) a singularidade da cognição sensitiva ocorre quando os sentidos captam o objeto com seus traços (propriedades) constituintes unidos confusamente; (b) o intelecto apreende do mesmo modo o objeto (isto é, do modo como o objeto é) gerando a cognição intelectual singular; (C) a seguir o intelecto, por meio da abstração, isola um determinado aspecto de outros aspectos com os quais está unido, isto é, ele desembaraça os vários aspectos que estão presentes na cognição intelectual singular até que finalmente seja capaz de prescindir desses aspectos acidentais, produzindo assim uma cognição intelectual universal, ou seja, a formação de um conceito comum. A fim de garantir a representatividade do conceito universal Buridano apela para a noção de “semelhança”, ou seja, trata-se de um fato básico e não analisável do mundo que os objetos concordam ou assemelham-se mais ou menos entre si.

Sublinho que a posição de João Buridano sobre os universais está extremamente próxima a de Pedro Abelardo e Guilherme de Ockham, não somente por assumir pressupostos da tradição nominalista, tal como, a rejeição da existência extramental dos universais. Por exemplo, aproxima-se de Abelardo quando opera com a noção de “abstração” e “semelhança”; de Ockham ao afirmar a possibilidade de tanto a cognição sensitiva quanto a cognição intelectual incidirem sobre o objeto singular extramental. Enfim, há muitas outras aproximações que mereceriam atenção.

Destaco, também, a pertinência atual do pensamento de Buridano. De um ponto de vista contemporâneo a concordância entre objetos tem uma relação equivalente aquela da divisão das classes de indivíduos em seus respectivos tipos naturais, na qual os membros de diferentes tipos estão mais ou menos em concordância dependendo de quão “mais próximos” (graus de semelhança) estão de seus respectivos tipos naturais. As coisas no mundo parecem estar ordenadas em tipos naturais: elas concordam e diferem dependendo de suas naturezas. Buridano certamente sustentaria um nominalismo de semelhança e, nesse sentido, poderia ser cotejado com as posições atuais desse tipo de nominalismo²⁸ (o que talvez resultasse em uma profícua pesquisa).

Por fim duas palavras. Primeiro, é razoável dizer que para apreender o pensamento total de Buridano é preciso complementá-lo com uma exposição do âmbito semântico e, a partir do quadro completo, realizar uma análise crítica o que requereria um estudo mais extenso. Segundo, acompanho o apontamento de Peter King²⁹ de que a solução de Buridano para o problema dos universais não apela para qualquer coisa realmente comum no mundo. A base real para os conceitos universais são as concordâncias

²⁸ Sobre o nominalismo de semelhança, ver, por exemplo, a obra de RODRIGUEZ-PEREYRA, Gonzalo. **Resemblance nominalism: a solution to the problem of universals**. Oxford University Press: New York, 2002.

²⁹ KING, 2001, p. 25.

e semelhanças que os indivíduos mantêm entre si no mundo, mas estas não são mais do que os próprios indivíduos. Desse modo, Buridano pode afirmar tudo pode ser preservado sem apelar para universais distintos do singular.

Referências

GUILHERME DE OCKHAM. *Scriptum in librum primum Sententiarum: Ordinatio*. In: **Opera Theologica, II**. Ed. S. Brown e G. Gál. Cura Instituti Franciscani, Universitatis S. Bonaventure, St. Bonaventure: New York, 1970, Dist. 2, q. 4-8.

IOHANNIS BURIDANI. In **Metaphysicen Aristotelis Quaestiones argutissimae Magistri Iohannis Buridani in ultima praelectione ab ipso recognitae et emissae**. Paris: Accuratioe Iodici Badii, 1518.

_____. **Tractatus de differentia universalis ad individuum**. Slawomir Szyller (Ed), In: *rzegląd Tomistyczny III*, 1987, 137-178.

_____. **Quaestiones super octo Physicorum libros, secundum ultimam lecturam**. Paris, 1509.

_____. **Quaestiones in Aristotelis De anima secundum tertiam lecturam**. Jack A. Zupko (Ed.). In: *John Buridan's Philosophy of Mind: An Edition and Translation of Book III of his 'Questions on Aristotle's De anima' (Third Redaction), with Commentary and Critical and Interpretative Essays*. Ph.D. Dissertation, Cornell University 1989 (2 vol.). University Microfilms: Ann Arbor, 1990.

KING, Peter. "Buridan's solution to the problem of universals". In: **The Metaphysics and Natural Philosophy of Buridan**. Jack Zupko and J.M.M.H. Thijssen (Eds). Brill: Leiden-Boston-Köln, 2001, 1-27.

KLIMA, Gyula. **The Nominalist Semantics of Ockham and Buridan: A "rational reconstruction"**. Disponível no site: <http://www.fordham.edu/gsas/phil/klima/FILES/The-Nominalist-Semantics-of-ckham-and-Buridan.pdf>

LECQ, Ria Van Der. **Mental Language: a key to the understanding of Buridan's semantics**. Disponível no site: <http://www.phil.uu.nl/~lecq/mental%20language.pdf>

LEITE JUNIOR, Pedro. **O problema dos universais**: a perspectiva de Boécio, Abelardo e Ockham. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

LOUX, Michael J. **Metaphysics**: an contemporary introduction. London – New York: Routledge, 2002.

RIJK, L. M. de, “John Buridan on Universals”. **Revue de Métaphysique et de Morale**, 97/1, 1992, 35-59.

RODRIGUEZ-PEREYRA, Gonzalo. **Resemblance nominalism**: a solution to the problem of universals. Oxford University Press: New York, 2002.